

---

**O INVISÍVEL REFLETIDO. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E DOS MORTOS  
NA *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA DE LÚCIO CARDOSO E MEMÓRIAS  
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS DE MACHADO DE ASSIS*<sup>1</sup>**

Leda Maria da Costa  
Doutoranda em Literatura Comparada UERJ  
ledamonte@hotmail.com

Este trabalho representa a continuidade de uma pesquisa realizada ao longo de um dos cursos de Mestrado em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que resultou numa extensa monografia na qual foi abordada a temática da morte, especificamente, durante o século XVII. Nesse trabalho, minha preocupação principal era, a partir dos *Sermões da quarta-feira de cinzas* do Padre Antonio Vieira, mostrar como a referida temática foi transformada em um valioso argumento utilizado por pregadores religiosos para persuadir indivíduos que pudessem estar sendo desviados dos dogmas da Igreja católica. A partir das leituras de autores como Philippe Ariès, Jean Delumeau, J. Huizinga, que me deram um valioso embasamento teórico, foi possível perceber que, no referido período, a morte representava um perigo por significar o momento no qual homens e mulheres seriam alvo de um julgamento divino, cujo veredicto poderia conduzi-los ao Céu ou condená-los ao Inferno. Desse modo, mostrar ao sujeito o iminente risco que corria, ao esquecer que era preciso viver tendo em mente a lembrança do decisivo momento da morte, foi um objetivo que percorreu obras de diferentes épocas, tais como os sermões de religiosos como Bossuet e do já citado Antonio Vieira.

---

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Machado de Oliveira. UERJ, 13/06/2003.

---

O fim da hegemonia da Igreja católica foi um acontecimento decisivo para que a morte deixasse de ser uma temática presente no discurso diário. As figuras do médico e do higienista emergem para orientar as novas atitudes do homem perante a morte e os mortos. Tais especialistas foram agentes de uma separação entre dois mundos que até então eram quase que indissociáveis. O estudo dessas novas maneiras de nos comportarmos diante da morte e dos mortos suscitou uma série de indagações que apontaram para a possibilidade de uma continuidade da pesquisa anterior, dando-lhe complementaridade ao atualizá-la.

Tal atualização será tentada através da avaliação de algumas formas de representações da morte e dos mortos em duas importantes obras da Literatura Brasileira: *Crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Os romances selecionados têm na referida temática um rico material literário sobre o qual ambos se debruçam e ao qual dão diferentes tratamentos. Tal diferença, longe de promover um distanciamento que impossibilite uma abordagem que os coloque dentro de uma mesma proposta de trabalho, faz com que haja uma complementaridade de perspectivas lançadas sobre o mesmo objeto de análise.

Produzidos em épocas e contextos artísticos diferentes, tais produções se utilizam da representação da morte e dos mortos não como um simples ornamento, mas como elemento indispensável não apenas ao desenvolvimento das respectivas tramas romanescas, mas também ao conjunto das produções literárias produzida por cada um dos autores. Esses critérios formaram a base para a escolha das respectivas obras sobre as quais será realizada uma análise e cujo embasamento teórico é proveniente de diferentes áreas do conhecimento, como a História, a Antropologia e a Sociologia.

---

Antes de focalizarmos diretamente os romances, fez-se necessária uma apresentação de questões relevantes relacionadas à sensibilidade coletiva relativa à morte e aos mortos. Como ponto de partida, enfocamos um amplo espectro temporal que vai até o século XVIII, em que o espaço do Além possuía uma configuração nítida, capaz de suscitar temores na população, o que tornava possível fazer da morte um eficaz instrumento de doutrinação religiosa. Saindo do Além e voltando para a geografia terrestre, foram verificadas as significações dadas ao morto e a uma série de ritos fúnebres que se baseavam no luxo e na pompa dos enterros e velórios. Na seqüência de sub-capítulos, serão percorridas algumas mudanças ocorridas a partir do século XIX, até os dias atuais, período marcado pelo fim da orientação religiosa como regente das práticas funerárias.

Especificamente quanto aos romances, começamos pelas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesse livro, o desvendamento dos disfarces humanos é realizado por intermédio de uma hábil estratégia narrativa forjada através da morte, que, impalpável, surge como prova da efemeridade das coisas. É através da morte que a possibilidade do fracasso das pretensões de progresso contínuo da humanidade é abordada nas *Memórias*, uma vez que a inelutável finitude do corpo aponta para a fragilidade do gênero humano. O narrador Brás Cubas é o morto que lança sobre a terra uma mirada desmistificadora das práticas e posturas sociais. No entanto, a viabilidade desse olhar distante se dá graças à sua invisibilidade, tornando-o livre da opinião pública e, portanto, imune às conseqüências que poderiam advir dessa inusitada perspectiva narrativa.

Na *Crônica da casa assassinada*, Lúcio Cardoso constrói uma atmosfera tomada por mistérios e enigmas não resolvidos. A morte é representada através das experiências de solidão e confinamento nas quais a família Meneses se vê mergulhada. Ao contrário das

---

*Memórias*, os ritos fúnebres não são elementos de destaque, e esse fenômeno em parte é explicado devido à dimensão metafórica atribuída à morte. O cadáver é fonte de profundas indagações e o fenômeno da decomposição ganha plasticidade a partir de longas descrições que enfatizam as cores, texturas e odores dos fluidos pútridos oriundos do corpo da personagem Nina, corroído pelo câncer. A morte está em toda parte e, algumas vezes, é, por intermédio da beleza e do amor, associados a essa personagem, que se torna, então, responsável pela queda final da chácara e da família. A *Crônica da casa assassinada* é um romance erguido sobre ruínas que comunicam a decadência de um passado glorioso, mas impossível de ser restabelecido. É, do mesmo modo, um texto sobre a impossibilidade do controle total dos acontecimentos, pois há sempre algo que escapa ao domínio humano.

A morte, invisível, gera preocupações e tentativas de torná-la inteligível à compreensão humana, o que a faz suscetível a uma série de representações. O mesmo ocorre com os mortos que, de cadáveres, passam a espectros que assombram e despertam nossa imaginação. Tudo isso são maneiras de praticar o mágico poder de traduzir o que nossos sentidos não captam de maneira imediata, de traduzir o que se esconde por trás da morte e dos mortos. Nessa busca, tanto Machado de Assis quanto Lúcio Cardoso, com seus respectivos romances, foram mestres dessa magia que ambos realizam por intermédio de palavras.